

Sentidos e sujeitos:

Elementos que dão consistência
à história 3



João Henrique Lúcio de Souza
(Organizador)

Sentidos e sujeitos:

Elementos que dão consistência
à história 3



João Henrique Lúcio de Souza
(Organizador)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProfª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProfª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: João Henrique Lúcio de Souza

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) | |
|--|---|
| S478 | <p>Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 3 / Organizador João Henrique Lúcio de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0978-6 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.786230901</p> <p>1. História. I. Souza, João Henrique Lúcio de (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 901</p> |
| Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A produção coletiva “Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência a História” em seu terceiro volume guarda expressiva relação com o contexto social em que foi produzida. Em seu ofício, os pesquisadores das humanidades dialogam com o tempo em que vivem marcados por desafios, problemas e esperanças. A partir de suas vivências e experiências (do ponto de vista benjaminiano), desvendam os labirintos das explicações científicas, edificando conhecimento por meio da interação dialógica entre as demandas do presente e as tradições teóricas dos vários campos das humanidades. Essa obra traz pesquisas que dão sentidos a sujeitos que são objetos de investigação e que estão ‘sujeitos’ a novos sentidos e olhares a partir da representação do leitor. Nossos colegas pesquisadores que fazem essa obra se debruçaram sobre as vivências humanas (sobre suas próprias experiências) em diversos tempos e lugares, se empenhando em analisar, entender e decifrar as atribuições dos sujeitos como produtores de sentidos, representações, pontes, frisuras, transformações, encontros e conflitos, que caracterizam a convivência humana.

Pegando emprestada uma citação do famoso historiador francês Roger Chartier, quando o mesmo conceitua a palavra “representação” e enfoca sua importância para a história cultural, podemos dizer que essa obra “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, pp. 16-17). Chartier (1990) nos leva a refletir sobre representações que podem edificar discursos que, envolvidos com os sujeitos, geram entendimentos das realidades e produzem sentidos. Ao mesmo tempo em que, ao edificar sentidos, as representações descortinam concepções de mundo e “falam” tanto de quem as representa quanto daquilo que é representado. Isso se aplica a todos os discursos, incluindo o discurso aqui apresentados.

Dessa forma, no primeiro capítulo “CONSTRUÇÕES, CAMINHOS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E A ESCOLA”, o pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco, João Henrique Lúcio de Souza, a partir do seu testemunho de vida, faz uma contextualização, um relato autobiográfico, a partir de teóricos que caracterizam cada fase de sua vida escolar. No segundo capítulo ““A ESCOLA QUE EU ESTUDEI NÃO É A MESMA QUE MEUS FILHOS ESTUDAM”: A ESCOLA PÚBLICA BÁSICA ATRAVÉS DAS RECORDAÇÕES E IMPRESSÕES DE PAIS E MÃES”, as pesquisadoras da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) Maria Antônia Veiga Adrião e Gizele Lima dos Santos resgatam as recordações e impressões de pais, mães e avós (1980-2010) a fim de entender a razão do distanciamento entre escola e progenitores em escolas públicas situadas na zona noroeste do Ceará.

Já no artigo “CRIANÇAS DESCONFINADAS: PROCESSOS, CONTEXTOS

E NARRATIVAS”, Sandra Alves Moura de Jesus e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, pesquisadoras da Universidade Católica do Salvador, se propõem a entender o processo de desconfinamento e retorno ao ensino presencial das crianças da educação infantil e do ensino fundamental/anos iniciais em escolas públicas e privadas de Salvador/BA, bem como o que ficou de aprendizagem dessa experiência do ensino remoto e/ou híbrido na percepção da família e da escola. A pesquisadora Natália Martins Besagio, pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá, com o artigo “A “MÚSICA DO DIABO”: O BLUES COMO EXPRESSÃO DA CULTURA FEMININA AFRO-AMERICANA”, evidencia a música como viés de luta para as mulheres negras, que deixaram um amplo legado à cultura norte-americana, quebraram os tabus da desigualdade de gênero a partir do famoso gênero musical norte-americano *blues*.

No quinto capítulo, o artigo a “LOUCURA DO PODER OU O ABSURDO DA VIOLÊNCIA NO ESTADO? UM ENSAIO SOBRE TEMPO PRESENTE”, o pesquisador Antonio Carlos da Silva da Universidade Católica de Salvador faz uma reconstituição histórica, tomando o Brasil como exemplo, com uma larga discussão teórica para mostrar que nosso país, apesar de gigante, se encontra adormecida no estado de presente contínuo. No sexto capítulo intitulado “DEFUNTOS PERFUMADOS: RAÍZES DO EMBALSAMAMENTO NA IDADE MÉDIA EUROPEIA” de coautoria dos pesquisadores Eduardo Mangolim Brandani da Silva, Eloara dos Santos Cotrim e Christian Fausto Moraes dos Santos da Universidade Estadual de Maringá, vemos desdobramentos das possíveis origens da prática do embalsamamento como herança cultural da Civilização romana, do cristianismo primitivo e dos povos bárbaros. Para os autores o embalsamamento medieval é uma espécie de continuidade da metodologia cristã.

Por fim, no sétimo e último capítulo, “A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865)” do pesquisador da Universidade Federal do Rio grande do Sul, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, que, a partir do romance “Netto Perde Sua Alma” de Tabajara Ruas, procura os significados sobre as fronteiras do caudilhismo e as guerras, especialmente a Guerra dos Farrapos.








Bem, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões, e, que essa produção, com seus objetos e objetivos, seja também um objeto a ser estudado, analisado e criticado.

Boa leitura e reflexões!

João Henrique Lúcio de Souza

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| CONSTRUÇÕES, CAMINHOS E REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA E A ESCOLA | |
| João Henrique Lúcio de Souza | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309011 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| “A ESCOLA QUE EU ESTUDEI NÃO É A MESMA QUE MEUS FILHOS ESTUDAM”: A ESCOLA PÚBLICA BÁSICA ATRAVÉS DAS RECORDAÇÕES E IMPRESSÕES DE PAIS E MÃES | |
| Maria Antonia Veiga Adrião | |
| Gizele Lima Dos Santos | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309012 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| CRIANÇAS DESCONFINADAS: PROCESSOS, CONTEXTOS E NARRATIVAS | |
| Sandra Alves Moura de Jesus | |
| Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309013 | |
| CAPÍTULO 4 | 38 |
| A “MÚSICA DO DIABO”: O BLUES COMO EXPRESSÃO DA CULTURA FEMININA AFRO-AMERICANA | |
| Natália Martins Besagio | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309014 | |
| CAPÍTULO 5 | 46 |
| LOUCURA DO PODER OU O ABSURDO DA VIOLÊNCIA NO ESTADO? UM ENSAIO SOBRE TEMPO PRESENTE | |
| Antonio Carlos da Silva | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309015 | |
| CAPÍTULO 6 | 62 |
| DEFUNTOS PERFUMADOS: RAÍZES DO EMBALSAMAMENTO NA IDADE MÉDIA EUROPEIA | |
| Eduardo Mangolim Brandani da Silva | |
| Christian Fausto Moraes dos Santos | |
| Eloara dos Santos Cotrim | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309016 | |
| CAPÍTULO 7 | 76 |
| A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865) | |
| Cesar Augusto Barcellos Guazzelli | |
|  https://doi.org/10.22533/at.ed.7862309017 | |

| | |
|----------------------------------|-----------|
| SOBRE O ORGANIZADOR | 87 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 88 |

DEFUNTOS PERFUMADOS: RAÍZES DO EMBALSAMAMENTO NA IDADE MÉDIA EUROPEIA

Data de submissão: 22/11/2022

Data de aceite: 02/01/2023

Eduardo Mangolim Brandani da Silva

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/0826321713568749>

Christian Fausto Moraes dos Santos

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/5914025585832203>

Eloara dos Santos Cotrim

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/3571104607953197>

RESUMO: O embalsamamento esteve presente em todas as regiões do globo desde a antiguidade. Essa temática geralmente é associada às múmias egípcias, no entanto a mumificação atravessou a Europa desde o começo da Idade Média até os dias atuais. Os vestígios arqueológicos e as fontes documentais averiguam essa tradição técnica. Entretanto as raízes por trás dessa prática ainda são debatidas. Com isso em mente, esse material visa justamente elencar as possíveis origens. Para tal fim foram elencadas fontes históricas e referenciais teóricos que aludem tal temática. As heranças culturais

que compuseram a Alta Idade Média se concentram em três nichos: Civilização romana, cristianismo primitivo e povos bárbaros. No decorrer do texto, por meio da investigação das fontes, ficará claro que o embalsamamento medieval é uma espécie de continuidade da metodologia cristã. Porém como o embalsamamento esteve presente entre os celtas e os romanos, foi preciso expor suas metodologias para a realização se chegar ao resultado de que os medievos mantiveram esse costume a partir da tradição Cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade Tardia; Embalsamamento; Idade Média; Osmologia.

PERFUMED DEFUNCTS: ROOTS OF EMBALMING IN THE EUROPEAN MIDDLE AGES

ABSTRACT: Embalming has been present in all regions of the globe since antiquity. This theme is usually associated to Egyptian mummies, however mummification has crossed Europe from the beginning of the Middle Ages to the present day. The archaeological vestiges and documental sources ascertain this technical tradition. Though the roots behind this practice are still being debated. With this in mind this material aims to list the possible origins.

For this purpose historical sources and theoretical referentials that alude to this theme were listed. The cultural heritages tha composed the High Middle Ages concentrate in three niches: Roman civilization, primitive christianism and the barbarian people. In the course of this text, through the investigation of the sources, it will be clear that the medieval embalming is the continuity of the christian methodology. However as embalming was presente among the Celts and the Romans, it was necessary to expose their methodologies in order to achieve the conclusion that the medieval people maintained this custom from the Christian tradition.

KEYWORDS: Embalming; Late Antiquity; Middle Ages; Osmology.

1 | INTRODUÇÃO

Os diferentes grupos humanos produzem uma série de atividades que possuem significações únicas no interior de seus grupos. No entanto mesmo em meio a diversidade significativa, é preciso realçar que as culturas humanas partilham de necessidades e de processos comuns. Os indivíduos se alimentam, descansam, trabalham, se reproduzem e morrem (THOMAS, p.13, 1983).

As maneiras com que tais atividades são operadas no interior das relações socioculturais é muito singular à cada grupo. Esse aspecto fica bem claro quando se trata da morte e do tratamento dado ao cadáver que são o cerne de nosso debate.

A morte enquanto processo natural que se dá em vida, mas também delimita as fronteiras desta, gera temor em todas as culturas humanas, justamente pelo desconhecido que o pós-vida carnal evoca. Como a vida ganha sentido em meio às interações entre indivíduos, o morrer sinaliza justamente uma ruptura (MOORE e WILLIAMSON, pp.3, 2003). Diante dessa condição ancestral, cada grupo social encontrou meios culturais para sanar esse luto, visto o potencial desorganizador em relação à coesão social. As maneiras de lidar com esse momento traumático sempre perpassam questões de ritos fúnebres, assim como cuidados direcionados ao cadáver. Esse luto provém de uma condição própria do viver que é a tautologia. Seria a ideia de que enquanto estamos vivos, existem pulsões que visam a continuidade e permanência da vida, portanto, sua perpetuação (THOMAS, pp.17, 1983).

As possibilidades de como lidar com a inevitabilidade da morte variaram no decorrer do tempo em termos de técnica e significação. Alguns grupos repudiam a cadaverização e preferem abandonar o defunto para se decompor distante do grupo. Na linha da rejeição há aqueles que cremam o cadáver como via de purificação. A inumação tem a pretensão de esconder o defunto, podendo essa se dar próximo ao grupo ou em locais afastados (THOMAS, pp.260-306, 1989).

A linha que nos interessa nesse material diz respeito à preservação do cadáver, portanto ao embalsamamento. Essa técnica pode estar associada a qualquer um dos ritos citados acima. O embalsamamento pode preconizar a inumação, a cremação ou até mesmo o abandono. Inclusive em alguns casos serve para manter o cadáver em meio ao espaço

coletivo, seja por questão religiosa, de vínculo afetivo ou até adoração. Independente da motivação ou do destino final do cadáver, as formas de embalsamamento convergem na busca de prolongar a durabilidade do cadáver (COLMAN, pp.45-48, 1997).

Essas atividades tanatológicas sobre o defunto, visavam em sua maioria, a garantia de que ao menos a essência do defunto pudesse ser preservada. Essa poderia ainda se manter no plano terreno, ou em alguma forma de espaço destinado ao pós-morte. A maioria dos casos de embalsamamento, se deram no decorrer do tempo por motivações religiosas. Seja em culturas antigas como os Chinchorros (registros de 7000 anos), ou em casos contemporâneos como entre os Aleutas do arquipélago Kodiak (registros ainda no século XIX), vê-se a intenção de preservar o cadáver como um procedimento realizado para que a essência do defunto pudesse continuar existindo, independente de em qual plano fosse (JOHNSON et al, pp.998, 2012).

Apesar da ampla maioria dos casos de embalsamamento se principiarem em questões religiosas, cabe situar que existem também casos realizados por questões de prestígio, procedimentos relacionados à higiene e também por questões de lucro, nesse último caso é devido ao desenvolvimento das indústrias funerárias no final do século XIX (BRENNER, pp.317, 2014)

Havendo motivações divergentes para a realização do embalsamamento, vale aqui propor um ponto de convergência que entrelaça os diferentes grupos culturais. Após a cadaverização surge o momento da decomposição cadavérica. Nesse momento é evocado um sentimento mais profundo que o luto: O horror (CURTIS, pp.11, 2007). Essa sensação evoca justamente a reação de preservação do defunto, como medida de evitar o contato com o horror. A maneira como esses procedimentos são realizados e os significados atribuídos, dependem da exclusividade da rede de significações no interior do universo cultural de cada grupo e das suas concepções de mundo. Daí a diversidade de motivos que levaram diferentes grupos a realizarem o embalsamamento (COLMAN, pp.45-48, 1997).

Pensando nas diferenças de motivações que conduzem ao embalsamamento, foi-se estipulado periodizações em relação à preservação cadavérica. Essas delimitações foram construídas por meio de eras, sendo elas pautadas com base nas motivações que conduziram à realização da preservação cadavérica. A primeira era foi denominada de Era das culturas antigas (primeiros casos – 650 D.C.). As motivações desta era estão relacionadas com bases religiosas e também com o prestígio social. A segunda era é conhecida como Era dos anatomistas (650 D.C. – 1861 D.C.). Nesse período vemos o aparecimento de novos motivos para o embalsamamento, aqui figuram as questões de higiene, preservação da imagem do defunto, a produção de peças anatômicas e a questão do transporte cadavérico. Por fim podemos relacionar a terceira era, esta ficou conhecida como Era das indústrias funerárias (1861 – Atualidade). Aqui o embalsamamento passa a ser realizado com intenções de acúmulo de capital, tendo como base a preservação com fins de saúde pública e também relacionada com a preservação da imagem do cadáver

para a diminuição do luto (JOHNSON et al, pp.983, 2012).

Essas divisões citadas determinam o aparecimento de novas intenções e não o fim de casos que tinham intenções prévias, como aqueles de motivação religiosa. Com base nesses pressupostos, pode-se elaborar as raízes do embalsamamento na Idade Média europeia.

A transição entre a antiguidade tardia e a Alta Idade Média se deu como um período de acúmulos de conhecimentos ao lado de hibridismos culturais. Vê-se nesse período o entrelaçamento de três heranças. A diversidade dos povos germânicos que se instalaram nos espaços ocupados pelos romanos e pelos povos romanizados. A cultura romana que estava amplamente difundida e firmada no território europeu. Por fim os aspectos culturais e religiosos do cristianismo primitivo, que se firmou no interior do império romano, se tornando inclusive religião de estado no ano de 380 com o Edito de Tessalônica (ROSEN, pp.52, 1994) (HARVEY, pp.66, 2006).

É interessante notar que a presença do embalsamamento e dos cuidados preservativos sobre o cadáver estiveram presentes tanto entre os romanos e os cristãos antigos. Entre os povos germânicos existem casos específicos, no entanto aquele que nos chama maior atenção, foram os embalsamamentos de cabeças realizados entre os povos celtas.

A tese desse trabalho é a de que os vestígios e indícios encontrados indicam que a realização de técnicas de prolongamento de duração do cadáver no começo da Idade Média europeia, são heranças provenientes do cristianismo primitivo. Todavia devido ao emaranhado cultural formado nessa transição, cabe aqui realizar um balanço explicitando cada caso de embalsamamento dessas culturas, situando o motivo pelo qual foi elencado o cristianismo primitivo como grande referência do embalsamamento na Alta Idade Média europeia.

2 | POVOS CELTAS

A denominação “Celta” se refere a uma série de grupos populacionais que possuíam base linguística indo-europeia, traços culturais comuns, estando eles distribuídos pela maior parte do espaço europeu. Esses povos tiveram sua formação por volta de 1200 A.C., sendo eles assimilados tanto pela cultura romana e pelo cristianismo no decorrer do tempo, de forma que em 500 D.C. nota-se a plena desintegração desses grupos, onde suas organizações sociais foram perdidas (CHURCHILL, pp.31, 2019).

Esses grupos deixaram inúmeros registros de que os corpos e os cadáveres tinham relevância em suas vidas. Dentre os registros materiais nota-se os cadáveres que eram dispostos em pântanos, assim como registros arqueológicos que foram deixados esculpidos nas muralhas de Adriano. Nesse último caso os registros se centram em cabeças humanas (FLIEGEL, pp.83, 1990).

O historiador Diodorus Siculus (90-30 A.C.) relatou em seus registros que essa cultura mantinha cabeças embalsamadas como troféus. O historiador romano cita que o crânio era embalsamado em óleo de cedro, sendo essa cabeça depois disposta numa caixa de madeira. Diodorus demonstra horror à tal costume, sendo que ele cita que as cabeças guardadas eram as de inimigos notáveis e que esses grupos se alegravam muito em mostrar essas peças à estrangeiros devido ao orgulho que possuíam (CHURCHILL, pp.34, 2019).

A intenção de obtenção e produção dessas cabeças possui similitudes com outros grupos que também produziam cabeças embalsamadas. O princípio regente dessa manifestação era a fé. Assim como os Jívaros-Shuar na região amazônica, esse grupo entendia que as forças do inimigo derrotado poderiam ser utilizadas e evocadas por meio da preservação do crânio e pelo seu cultuar. Relatos dessa manifestação aparecem em poemas medievais da Irlanda e Inglaterra do século VI D.C., de forma que existe a citação do culto às cabeças e aos membros do corpo (CHURCHILL, pp.35-36, 2019).

Dois motivos reforçam a tese de que o embalsamamento medieval não tem conexão com essa manifestação. O primeiro é o fato de que a assimilação romana e depois as expulsões e assimilações provocados pelos povos vindos do Leste, deixaram pouco espaço para continuidade dessas realizações. O segundo balanço que será mostrado mais à frente, é o fato de que nos princípios do período medieval o embalsamamento não pressupunha a retaliação do corpo. Isso significa que para o medievo eles foram fontes de curiosidade e de exótico, no entanto não influenciaram a existência do embalsamamento entre os romanos e nem sequer no medievo europeu.

3 | CIVILIZAÇÃO ROMANA

Os romanos são amplamente conhecidos por terem a cremação como escolha de rito fúnebre destinado aos seus cadáveres. No entanto enquanto civilização de longa duração (753 A.C. – 476 D.C.), cabe situar que houveram outros tratamentos técnicos relacionados aos defuntos, inclusive metodologias que intencionavam a preservação cadavérica. Até o século III D.C., a cremação era o grande costume fúnebre para estes povos. Dois autores evidenciam o orgulho pela cremação, por ser um hábito autóctone, assim como o repúdio pelos métodos exteriores (COUNTS, pp.191, 1996).

Marcus Terentius Varro (117 – 26 A.C.), filósofo e antiquário, situava que o ideal romano era que seus cadáveres fossem cremados, de forma que ele ressaltava o orgulho que havia em torno desse rito fúnebre. Publius Cornelius Tacitus (56 – 117 D.C), historiador romano, situava o embalsamamento como uma técnica inferior à cremação, opinião essa que julgava diretamente o costume egípcio (COUNTS, pp.191-195, 1996).

A cremação era realizada com a intenção de purificação do espírito. A crença popular era de que caso o corpo continuasse existindo, o espírito do defunto iria assombrar sua

família. Se partirmos do princípio de que a putrefação cadavérica causa terror, sendo um processo a ser evitado, é possível propor que o rito de cremação surgiu como escape à tal visualização. Assim esse sentimento se uniu às noções culturais e de crença, levando à ideia dos espíritos perturbantes caso o cadáver não fosse cremado (THOMAS, pp.266, 1989).

Desde o século I D.C. a inumação passou a disputar espaço com a cremação. Inclusive no século III D.C. a inumação sobrepujou a popularidade da incineração. O cadáver era apenas limpo no caso da inumação. A maioria dos historiadores insinua que o embalsamamento não esteve presente em Roma. No entanto existem registros físicos, como múmias, assim como documentos escritos que evidenciam essa prática em meio aos romanos, apesar de serem poucos os casos (COUNTS, pp.195, 1996).

Em meio aos registros físicos, achados arqueológicos revelaram a presença de múmias em meio à alguns espaços fúnebres romanos. Em sua maioria eram casos de mumificação natural, no entanto um caso particular da década de 1960 chama a atenção. Em 1964 em meio a reformas na rodovia Via Cássia, a cerca de 8 quilômetros da capital italiana, foram encontrados registros antigos que indicavam ser um espaço fúnebre (ASCENZI et al, pp.205, 1996). A metodologia utilizada era similar à mumificação realizada no Egito no período de dominação romana. A peculiaridade é o fato de que essa múmia estava nas redondezas da capital do império (WADE, pp.232, 2015).

O cadáver de uma menina de oito anos estava no interior de um sarcófago de mármore com trabalhos em relevo nas laterais. O cadáver foi tratado por volta do século II D.C., havendo o uso de resinas e balsamos sobre o corpo, como o uso de mirra e benjoim. O corpo, no entanto, não recebeu tratamento de natrão, betume e nem sequer evisceração. Além disso não foi enfaixado. A aparência escurecida do cadáver é fruto da ação das resinas que promoveram intenso dessecamento cervos (ASCENZI et al, pp.263, 1998).

As análises antropométricas determinaram que ela nasceu na península itálica. A qualidade material e decorativa do sarcófago aliado às joias e brinquedos sofisticados em seu interior apontam para uma origem nobre da criança. Duas teorias são levantadas para a existência dessa múmia. A primeira é a de que seus familiares viveram um período no Egito, podendo ter ocorrido assimilação desses aspectos culturais. A segunda envolve a ideia de recepção desse costume por outras vias (ASCENZI et al, pp.214-216, 1996). Levantado o questionamento de quais seriam essas vias, surge a necessidade de expor os vestígios do embalsamamento romano contidos em fontes escritas.

Assim como a inumação passa a ser utilizada no século I D.C., o embalsamamento realizado com intenções fúnebres também ganha espaço. Ao que tudo aparenta sua presença em meio à cultura romana se deu entre os séculos I D.C. e IV D.C. O historiador e senador Tacitus em meio a seus escritos revelou que a segunda esposa de Nero, Popeia Sabina (30 – 65 D.C.), havia passado por um tratamento cadavérico nada usual. Ao invés de ser tradicionalmente cremada, ou de ter sido inumada, o que ainda era novidade, ela

foi embalsamada. Tacitus descreveu esse caso como *Regum externorum consuetudine differtum odoribus*, que pode ser traduzido como o costume estrangeiro de preencher com especiarias (COUNTS, pp.189, 1996).

Popeia aparentemente foi eviscerada e suas cavidades preenchidas com uma diversidade de recursos aromáticos e considerados preservativos. Pode-se elencar a mirra, o frankincenso, o benjoim e possivelmente o olíbano. Pelas descrições aromáticas, insinua-se que houve o uso de balsamos ao redor da defunta. Tacitus partiu do pressuposto de que essa realização tinha influência direta do costume egípcio (COUNTS, PP.190, 1996).

É estranho pensar na incorporação desse costume por parte dos romanos. Muitos autores deixam bem evidente a xenofobia que existia no interior da cultura romana. Os aspectos de alteridade sempre tendiam à formulação de inferiorizações do externo. Apesar dessa condição, Roma comercializava com muitas civilizações que realizavam o embalsamamento, assim como incorporou parte delas, como as populações Celtas citadas (COUNTS, pp.190-191, 1996).

Apesar da xenofobia pelo que fica aparente nos relatos de Tacitus, a incorporação de técnicas egípcias não trouxe problemas à ideologia fúnebre romana. Ao que tudo aparenta nos últimos 5 séculos do império, houve maior permeabilidade cultural. Nero promoveu uma série de medidas estéticas envolvendo questões egípcias, portanto como o embalsamamento não interrompia a inumação, a preservação cadavérica não era profana (COUNTS, pp.193-196, 1996).

Existe também o caso que se deu 30 anos depois da morte de Popeia. O poeta Statius (45-96 D.C.) cita em uma de suas obras que Abscantus, um membro da rica família dos Domitianos, optou pelo embalsamamento de sua esposa no lugar da cremação ou inumação simples. Statius determinou que Abscantus não queria ver o corpo de sua amada desfeito, portanto lhe era mais fácil aceitar a morte caso o defunto de sua amada pudesse persistir ao tempo. Depois foram encontrados cadáveres preservados em sarcófagos datado do século II D.C. na Via Cássia (Grottarossa) e na Via Ápia. Nesse último caso o sarcófago foi achado em 1485, sendo que no interior havia um cadáver de uma jovem mulher datado do século III D.C. No interior foi encontrado mirra, aloés e frankincenso, produtos muito caros na época (COUNTS, pp.193-196, 1996).

Até os nossos dias não foram encontrados registros escritos ou materiais que indicam um caso mais antigo que o de Popeia. Inclusive as fontes anteriores ao século I D.C. insinuam menor porosidade no mundo romano. Portanto é plausível insinuar que esses casos se iniciaram no século I D.C.

No século III D.C. a cremação estava caindo em desuso, enquanto que a inumação ascendia como rito fúnebre central. A inumação já vinha sendo utilizada como um modelo de diferenciação por ricos em relação à cremação entre os pobres. Conforme a inumação ascendeu entre as camadas pobres, a diferenciação de ritos entre as classes diminuiu. O embalsamamento apareceu como o fator que possibilitava aos ricos ter algo ainda mais

único. Essa técnica servia de competição entre as famílias nobres. Porém algumas famílias se mantinham na tradição antiga da cremação (COUNTS, pp.195-201, 1996).

Devido à condição de utilização do embalsamamento para realçar o prestígio social, é difícil dizer que ele foi de fato um costume romano. Ele esteve presente nessa civilização e foi realizado em alguns casos, porém sendo particular de algumas famílias e exclusivo da aristocracia romana. É difícil estipular os motivos por trás dos achados na Via Cássia e na Via Ápia, podendo ser religiosos ou por questões de prestígio. Mas no caso das fontes escritas, elenca-se o horror ao defunto, assim como, o aspecto de diferenciação relacionado ao prestígio social.

É interessante situar que o embalsamamento romano provavelmente não foi o que teve papel de herança para os indivíduos do medievo europeu. Isso porque em Roma havia o uso da evisceração, enquanto que na Idade Média a evisceração só foi usada no final do século IX D.C. Apesar de que muitas heranças técnicas e conhecimentos romanos foram adquiridos e aproveitados pelo medievo europeu, o embalsamamento em si parece ter sido continuidade das práticas realizadas pelo cristianismo primitivo.

4 | CRISTÃOS ANTIGOS

Quando pensamos na medicina do período medieval, fica claro o entrelaçamento entre questões das teorias físico-médicas humorais com questões da medicina espiritual de origem cristã (SILVERMAN, pp.11, 2002).

O cristianismo primitivo compartilha de elementos similares de outras culturas que habitaram o mediterrâneo. A saúde física seria reflexo de questões do mundo espiritual. Havendo um conjunto de regras sobre esses elementos de crença, a transgressão moral dessas significava profanações. A transgressão moral acarretava penalidades à alma, portanto gerava impactos na saúde física (GRACIA, pp.19, 1992).

No século II D.C. os rabinos da Galileia vinham sofrendo repressões por parte dos romanos. A continuidade do domínio acarretou numa supervalorização dos costumes internos. Os ritos religiosos mais importantes envolviam questões odoríferas. Havia a necessidade de se garantir a presença de bons aromas nos cultos, portanto nota-se a relevância de uma osmologia religiosa (GREEN, pp.146-147, 2015).

No momento do culto, os registros arqueológicos e escritos por autores romanos, insinuam que os templos eram imbuídos numa miscelânea de odores agradáveis. Nota-se o uso de óleos aromáticos, unguentos e de fumaças odoríferas fruto de incensos. O olíbano era o principal recurso utilizado, sendo ele disposto em diferentes pontos do templo para garantir sua presença em todo o recinto (GREEN, pp.147).

O que nos interessa desse cenário apresentado é a oposição osmológica entre o podre e o agradável. Os recursos odoríferos conotavam o sagrado e o divino em oposição ao odor podre que era considerado profano e referência ao pecado. Esse aspecto é

reforçado em textos do antigo testamento. Os reis rabinos mantinham muitos arômatas em meio a seus tesouros, inclusive eram sepultados junto a tais recursos. Os eleitos de Deus, seus favoritos, recebiam a graça do divino, manifestando continuamente os bons odores. Esses indivíduos recebiam a denominação de “untados”. Se a doença vinha do pecado, que era compreendido pelo odor pútrido, então nota-se que utilizar bons odores, sinônimo do divino, poderia ser o caminho para a cura (GREEN, pp.148-149, 2015).

É interessante situar que o cadáver passava por tratamentos antes de ser inumado. No entanto esses procedimentos fúnebres não podem ser pensados como uma forma de embalsamamento. Os ritos podem ser traduzidos como uma limpeza pré-inumação. A limpeza começava com água, seguindo pela aplicação de unguento e pôr fim a utilização de óleos aromáticos. O cadáver era enrolado em panos, sendo que entre as camadas eram dispostas ervas, como mirra e aloés. O interessante é que a intenção era de garantir a presença de bons odores no momento do funeral e não de prolongar a duração do cadáver (JOHNSON et al, pp.998, 2012). Muitas múmias foram geradas nesses ritos, justamente pela ação química dessecante e desinfetante dos alcaloides, terpenos e polifenóis.

Essa osmologia moral de base religiosa teve influência direta no cristianismo, havendo incorporação por parte deste. A doença seria proveniente do pecado e os maus odores eram o sinal do profano (GRACIA, pp.21, 1992). Esses primeiros cristãos descreviam os céus como um local de aroma doce, suave e fresco. Já o inferno era situado como um local sufocante com odores podres de tendência sulfurosa. O odor em si não tinha formação material na concepção cristã. Esse elemento etéreo só podia ser captado pelos sentidos, nesse caso o olfato. Ele seria o regulador entre o sagrado e o profano (TONER, pp.158-159, 2015).

As interpretações em relação à enfermidade seguiam a linha similar às do mundo rabino. A enfermidade seria fruto do pecado. Os sinais se davam sobre o corpo físico, sendo interessante pensar na condição de que os fármacos utilizados era justamente arômatas. Esses recursos contendo a essência do sagrado é que poderiam garantir a cura em meio às dificuldades (TONER, pp.159-163, 2015).

No século IV D.C. houve uma grande mudança em relação às práticas cristã. Primeiramente em 313 D.C. houve a decretação do édito de Milão pelo imperador Constantino. Esse decreto assegurava a liberdade de cultos no interior do império. A partir daí a estrutura do monasticismo cristão foi se consolidando (HARVEY, pp.66, 2006) (JEREMIAH, pp.18, 2012). Em pouco tempo o cristianismo se tornou religião de estado.

Em relação aos ritos fúnebres, o cadáver também passava por tratamentos em meio aos cristãos. Os ritos eram similares, para a limpeza dos cadáveres eles eram banhados, para que em seguida eles fossem untados com óleos, balsamos e unguentos. Os arômatas e recursos utilizados eram mais adocicados e leves, como cheiros de flores, enquanto que no caso dos rabinos nota-se a propagação de cheiros amadeirados e terrosos (ESSER, pp.158, 2014). É importante destacar que esse uso amplo de recursos se dava sobre

pessoas de maior hierarquia social. Os indivíduos mais simples geralmente tinham seus cadáveres tratados apenas com os banhos (JEREMIAH, pp.40, 2012).

Sendo essa lógica herdada dos rabinos, é possível afirmar que conforme esses recursos iam sendo aplicados sobre os cadáveres, foi ficando cada vez mais aparente nos séculos III e IV D.C. que eles tinham potencial de preservação cadavérica. Numa cultura de valorização do ascetismo, de santos e de mártires, essa percepção preservativa deu um sentido de uso sistemático dos aromatas. Portanto um uso em sentido de preservar de fato certos cadáveres (FULCHERI, pp.219-220, 1996).

Os caminhos sinalizados para o tratamento cadavérico incidiam sobre a ideia do santo. Essa figura era pensada como incorruptível. Isso significa que esse cadáver não iria se decompor. Além disso as narrativas cristãs situam o santo como uma figura com um odor de rosa natural. Sua condição aromática era o sinal de santidade. Nesse percurso esses defuntos passavam por um tratamento completo a fim de auxiliar e garantir que de fato fossem incorruptíveis e com boas fragrâncias, portanto, que pudessem ser definidos como santos. Ao lado dessas condições havia a necessidade de que o plano de fundo do indivíduo, com suas vivências e feitos, corroborasse com a narrativa de santidade (ESSER, pp.158, 2014).

A relevância disso para os cristãos aparenta ter uma conotação dupla. A principal era em sentido de influência religiosa. Nota-se que a partir do momento que esses cadáveres preservados existiam, eles se tornavam como uma espécie de patrimônio. Esses santos dispostos em diferentes monastérios do império tinham serventia para peregrinação e para destacar o poder da fé entre os séculos IV e VI D.C (CRUZ, pp.47, 1977).

Existe um debate importante sobre a natureza desse procedimento. Seria ele uma forma de embalsamamento ou não? Entre aqueles que dizem que não, a justificativa seria o fato de que esses cadáveres não recebiam evisceração e nem sequer eram preenchidos. Por outro lado, os que defendem que seria uma forma de embalsamento indicam que, por mais que no início esses tratamentos não visassem a preservação cadavérica, com o tempo essa intenção foi assumida. Ao assumir que o embalsamamento significa um conjunto de técnicas que intencionam a preservação cadavérica, o tratamento dos antigos cristãos pode ser configurado nessa categoria (AUFDERHEIDE, pp.66, 2003). A não intervenção em abrir o cadáver partia do pressuposto religioso de que esse deveria ser mantido intacto para o momento de inumação (ESSER, pp.118, 2014).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos nos grupos populacionais que compuseram os princípios do medievo, não podemos pensar num cenário de homogeneidade. O Império romano havia agregado muitos povos e tinha promovido um processo de romanização sobre eles. No entanto diferentes aspectos culturais se mantiveram preservados apesar das imposições

do império. Outro aspecto que direciona para a diversidade é o fato de que os povos que invadiram o espaço romano eram muito diferenciados e se firmaram em diferentes localidades.

Os elementos partilhados por essa nova comunidade foram justamente traços romanos e cristãos, com reforço ao último. A instituição que teve maior destaque com a desintegração do Império foi justamente a igreja. Estando localizada em vários locais, com a perda do poder político central do império, a igreja teve espaço para garantir segurança e cooptação das massas naquele tempo de incertezas.

É impossível, no entanto, dizer que o Império romano não influenciou diretamente os indivíduos do medievo. Seja no direito, nos saberes, nas instituições ou nos costumes, é preciso propor que Roma deixou seu legado (CASTRO, pp.136, 2007). Inclusive é preciso situar que teve seu impacto em relação ao embalsamamento dos princípios do medievo.

Para compor melhor esse cenário é interessante situar como se dava o embalsamamento no princípio da Idade Média. Um dos exemplos mais antigos de princípios do medievo diz respeito aos achados arqueológicos de múmias do final do século V D.C. na abadia de Saint-Victor de Marseilles (CHARLIER, pp.7, 2020). As análises arqueobotânicas revelaram pólenes de diferentes plantas. Inclusive outros resquícios reforçam a tese de que esses cadáveres foram colocados sob uma espécie de cama de plantas, traço comum já realizados no cristianismo primitivo (GIRARD, pp.139, 1986) (BUI e MICHEL, pp.129-130, 2003). Os cadáveres eram todos de mulheres. O interessante é notar que esses cadáveres estavam todos enrolados em faixas de linho. Entre as camadas havia a presença de uma pomada feita de incenso, urtiga e tomilho (ESSER, pp.179-180, 2014).

Com esse exemplo cabem algumas considerações. Esse método não se propõe à nenhuma forma de retaliação do cadáver. Partindo desses exemplares como referência global para os que se deram até o século VIII D.C., é preciso propor que as metodologias pré-romanas e romanas não eram as referências metodológicas. Isso porque ambas propunham retaliações e no caso dos celtas até mesmo com decapitação, ou seja, separação de membros.

O que podemos afirmar então é que de fato os procedimentos realizados sinalizam a continuidade das metodologias aplicadas pelos antigos cristãos. No entanto em termos de significação metodológica, existe a possibilidade de que os conhecimentos romanos de fato tenham influenciado nessa forma de embalsamamento. Isso porque quando observamos fontes médicas, físicas e sobre a natureza do final da antiguidade e começo da Idade Média, nota-se muitas considerações sobre a física aristotélica, questões de Platão, assim como elementos da medicina humoral hipocrático-galênica (GRANT, pp.9, 1977).

Esse cenário de união de conhecimentos gera uma dificuldade para os historiadores. Em que momento de fato se firma essa união? Como citado os conhecimentos médicos greco-romanos tiveram presença em meio a esse novo mundo fraturado. No entanto a preponderância da medicina espiritual sobre a física se fez valer por longos séculos, até

a entrada da Baixa Idade Média. Esse cenário significa então uma união da medicina física humoral com a medicina espiritual cristã, havendo maior destaque para a segunda (SILVERMAN, pp.13, 2002).

Sobre o embalsamamento medieval nota-se que ele não se manteve estático e inalterado no decorrer do período medieval. Ele foi passando por transformações, inclusive devido intercâmbios que se deram no decorrer dos séculos.

Pautando o debate nas origens do embalsamamento na Europa medieval, pode-se afirmar que de fato em termos de técnica, forma e metodologia, as múmias do começo da Idade Média são continuidade das práticas de tratamentos cadavéricos realizados entre os antigos cristãos. Nesse sentido é interessante pensar na linha tanto de continuidade quanto de herança. Isso porque algumas regiões já realizavam esses procedimentos e continuaram realizando. Por outro lado com as invasões bárbaras, novos povos e regiões passaram pelo processo de cristianização, portanto assumiram práticas embalsamadoras de maneira póstuma.

Se em questão das maneiras e formas de fazer pontua-se continuidade relacionada às práticas cristãs, em termos de significação é preciso outra elaboração. A questão do uso de aromáticos para fazer valer o divino sobre o profano, assim como a noção de fazer valer a condição sagrada do defunto se mantiveram. Porém a respeito de quais fármacos utilizar e o porquê de seus usos denota entrelaçamento com questões da medicina física humoral. Essa medicina tem sim um espaço secundário e menor diante das elaborações religiosas nesse período, mas é justamente por ter esse espaço que ela conquistou terreno e esteve em uso por quase um milênio e meio.

Há então a continuidade de práticas anteriores, porém práticas agora reelaboradas não a partir de novas técnicas, mas sim de novas significações sobre esses artifícios a partir da amalgama de conhecimentos herdados tanto do cristianismo quanto das noções greco-romanas.

REFERÊNCIAS

ASCENZI, A., BIANCO, P., NICOLETTI, R., CECCARINI, G., FORNASERI, M., GRAZIANI, G., GIULIANI, M.R., ROSICARELLO, R., CIUFFARELLA, L., GRANGER-TAYLO, H. **The Roman Mummy of Grottaossa**. In: *Human Mummies*. 1 ed. New York: Springer, 1996, pp.205-218.

ASCENZI, A., BIANCO, P. FORNACIARI, G., MARTIN, C.R. **Mummies from Italy, North Africa and The Canary islands**. In: *Mummies, Diseases and Ancient Cultures*. 1 ed. New York: Cambridge University press, 1998, pp.263-288.

AUFDERHEIDE, C. **The scientific studies of mummies**. 1 ed. New York: Cambridge University press, 2003.

BRENNER, E. **Human body preservation – Old and new techniques**. *Journal of Anatomy*, V.224, pp.316-344, 2014.

BUI, T.M. e GIRARD, M. **Pollens, últimos índices de práticas funerárias évanouies**. Revue archéologique de Picardie, NS.21, pp.127-137, 2003.

CASTRO, F.L. **História do direito Geral e Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

CHARLIER, P. **Embalming in France (from Twelfth to Nineteenth Century) Principle and Development of Techniques**. In: The handbook of mummy studies. 1 ed. Singapura: Springer, 2020, pp.1-23.

CHURCHILL, K. **Excarnation, Decapitation and Preservation: The Corpse in Celtic History and Myth**. Between Arts and science, V.4, N.3, pp.31-43, 2019.

COLMAN, P. **Corpses, coffins and Crypts, A history of burial**. 1 ed. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1997.

COUNTS, D.B. **Regum Externorum Consuetudine: The Nature and Function of Embalming in Rome**. Classical Antiquity, V.15, N.2, pp.189-202, 1996.

CRUZ, J.C. **The Incorruptibles - A Study of the Incorruption of the Bodies of Various Catholic Saints and Beati**. 1 ed. Charlotte: Tan Books, 1977.

CURTIS, V.A. **A natural history of Hygiene**. Canadian Journal of Infectious Diseases and Medical Microbiology, V.18, N.1, pp.11-14, 2007.

ESSER, R.S. **Der Leichnam im Mittelalter - Einbalsamierung, Verbrennung und die kulturelle Konstruktion des toten Körpers**. Tese (Pós-doutorado em História) – Departament of historic literature, University of Heidelberg. Heidelberg, 2014.

FLIEGEL, S. **A Little-Known Celtic Stone Head**. The Bulletin of the Cleveland Museum of Art, V.77, N.3, pp.82-103, 1990.

FULCHERI, E. **Mummies of Saints a particular category of Italian mummies**. In: Human Mummies. 1 ed. New York: Springer, 1996, pp.219-230.

GIRARD, M. **Les restes végétaux discrets dans les sépultures. Recherche et enseignements**. Archéologie médiévale, V.16, pp.137-146, 1986.

GRACIA, D. **The Ethics of Diagnosis in Early Christianity and The Middle Ages**. In: The Ethics of diagnoses. 1 ed. Dordrecht: Kluwer academic publishers, 1992, pp.19-28.

GRANT, E. **Physical Science in the Middle Ages**. 1 ed. New York: Cambridge University Press, 1977.

GREEN, D.A. **Fragrance in The Rabbinic World**. In: Smells and the Ancient senses. 1 ed. New York: Routledge, 2015, pp.146-157.

HARVEY, S.A. **Scenting Salvation - Ancient Christianity and the olfactory imagination**. 1 ed. Berkeley: University of California Press, 2006.

JEREMIAH, K. **Christian Mummification - An interpretative history of the preservation of Saints, Martyrs and Others.** 1 ed. Jefferson: Mcfarland, 2012.

JOHNSON, E.C., JOHNSON, G.R. e JOHNSON, M. **The origin and history of embalming.** In: Embalming history, Theory and practice. 5 ed. New York: Mcgraw hill, 2012, pp.981-1078.

MOORE, C.C., WILLIAMSON, J.B. **THE UNIVERSAL FEAR OF DEATH AND THE CULTURAL RESPONSE.** In: Handbook of death and dying, VOL.2. 1 ed. Londres: Sage publications, 2003, pp.3-13.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública.** 1 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1994.

SILVERMAN, B.C. **Monastic Medicine - A Unique Dualism Between Natural Science and Spiritual Healing.** Hopkins Undergraduate Research Journal, N.1, pp.10-17, 2002.

THOMAS, L.V. **Antropología de la Muerte.** 1 ed. Cidade do México: Fondo de cultura económica, 1983.

THOMAS, L.V. **El cadaver.** 1 ed. Cidade do México: Colección popular, 1989.

TONER, J. **Chapter 11: Smell and Christianity.** In: Smell and the ancient senses. 1 ed. Londres: Routledge, 2015, pp.158-170.

WADE, A. **Mummies of Europe.** In: Mummies around the World - AN ENCYCLOPEDIA OF MUMMIES IN HISTORY, RELIGION, AND POPULAR CULTURE. 1 ed. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2015, pp.230-233.

A

Afro-Americana 38, 39, 42, 44

Antiguidade 62, 65, 72

Antiguidade tardia 62, 65

B

Blues 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Bourdieu 8, 31, 36

Brasil 5, 8, 22, 36, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 74, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87

C

Caudilhos 76, 83, 84, 86

Civilização romana 62, 66

Continuidade 49, 62, 63, 66, 69, 72, 73

Cristianismo 62, 65, 69, 70, 72, 73

Cultura escolar 12

Cultura feminina 38

D

Desconfinamento 24, 26, 27, 29

Desigualdade de gênero 38, 39

Distanciamento 12, 13, 36

Durkheim 5, 6, 7, 11

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 50, 61, 87

Educação infantil 3, 6, 24, 26, 27, 33

Embalsamento 71

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 87

Ensino remoto 24, 25, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35

Escola privada 26, 28, 30, 31, 32, 33

Escola pública 3, 6, 8, 12, 13, 16, 17, 21, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35

Estado 3, 8, 13, 18, 21, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 70, 77, 78, 79, 80

F

Farrapos 76, 77, 78, 79, 81, 83, 85

Ficção 76, 77, 80

Formação 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 35, 38, 39, 46, 49, 51, 52, 56, 57, 58, 65, 70, 76, 77, 87

Formação escolar 12, 19

Fronteira 76, 79, 84, 85, 86

G

Guerra 58, 61, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86

H

Habitus 1, 2, 8

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 46, 49, 53, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 74, 75, 76, 77, 85, 87

Historiografia 5, 85

I

Idade Média 6, 62, 65, 69, 72, 73

L

Loucura 46, 47

M

Memória social 12

Música 4, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

N

Nação 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 86

Narrativa 1, 52, 55, 56, 58, 71, 77, 80

O

Osmologia 62, 69, 70

P

Pandemia 13, 24, 25, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 57

Paulo Freire 1, 2, 4, 7, 10, 22, 36

Povo 5, 40, 41, 43, 49, 78

Povos Bárbaros 62

Progenitores 12, 13, 14, 15, 16, 17

R

Racismo 12, 18, 19, 21, 39, 44, 58

Raíces 41, 47, 49, 50, 52, 56, 57, 58, 61, 62, 65

T

Tempo presente 25, 46, 56, 57

Testemunho de vida 1, 2

Sentidos e sujeitos:

Elementos que dão consistência
à história 3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2023

Sentidos e sujeitos:

Elementos que dão consistência
à história 3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2023